

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Artes
Curso de Teatro - Licenciatura



Trabalho de Conclusão de Curso

**TEATRO EM AMBIENTE TERAPÊUTICO:
EXPERIÊNCIA DE UMA ESTUDANTE DE ARTES CÊNICAS
NA ÁREA DA SAÚDE MENTAL.**

Lawrien Oliveira de Freitas

Pelotas, 2025

LAWRIEN OLIVEIRA DE FREITAS

**TEATRO EM AMBIENTE TERAPÊUTICO:
EXPERIÊNCIA DE UMA ESTUDANTE DE ARTES CÊNICAS
NA ÁREA DA SAÚDE MENTAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Centro de Artes da Universidade Federal de
Pelotas, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Teatro.

Orientadora: Maria Amélia Gimmller Netto

Pelotas, 2025

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

F863t Freitas, Lawrien Oliveira de

Teatro em ambiente terapêutico [recurso eletrônico] : experiência de uma estudante de Artes Cênicas na área da saúde mental. / Lawrien Oliveira de Freitas ; Maria Amélia Gimmler Netto, orientadora. — Pelotas, 2025.

40 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Teatro, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2025.

1. Teatro terapêutico. 2. Saúde mental. 3. Arte. 4. CAPS. 5. Extensão Universitária. I. Netto, Maria Amélia Gimmler, orient. II. Título.

CDD 792

Elaborada por Fabiano Domingues Malheiro CRB: 10/1955

LAWRIEN OLIVEIRA DE FREITAS

TEATRO EM AMBIENTE TERAPÊUTICO: EXPERIÊNCIA DE UMA ESTUDANTE
DE ARTES CÊNICAS NA ÁREA DA SAÚDE MENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de Pelotas

Data da defesa: 25/03/2025

Banca examinadora:

Prof(a). Dr(a) Maria Amélia Gimmler Netto (Orientadora)
Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia

Profª. Drª. Fabiane Tejada da Silveira
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

Bertha Bock
Psicóloga e Mestre em saúde e comportamento pela Universidade Católica de Pelotas

Profº. Anderson Morais Demutti
Licenciado em Teatro pela Universidade Federal de Pelotas

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar os agradecimentos de meu trabalho, dando total reconhecimento à minha orientadora, Maria Amélia Gimmler Netto, que em todos os momentos, dúvidas e necessidades minhas com relação à pesquisa, foi excelente, presente e disposta.

Sou infinitamente grata a Professora Fabiane Tejada da Silveira, que na coordenação do projeto TOCO, sempre me acolheu, ensinou e me possibilitou chegar até aqui, me capacitando, não só quanto profissional, mas também como ser humano.

Agradeço às comunidades em que atuei, tanto em Pelotas quanto em outras cidades. Sem a oportunidade dessas atuações e trabalhos, essa pesquisa não seria possível.

Gostaria também de agradecer aos colegas da saúde mental do CAPS onde atualmente estou desenvolvendo meu trabalho e que prontamente me cederam seus depoimentos. Também aproveito para agradecer a Prefeitura dessa cidade, que acreditou em minha ideia, me possibilitando desenvolver esse projeto.

Por fim, agradeço a meus pais, que proporcionam e sempre incentivaram meu estudo e desenvolvimento profissional e pessoal.

RESUMO

FREITAS, Lawrien. **Teatro em ambiente terapêutico:** Experiência de uma estudante de Artes Cênicas na área da saúde mental. Orientadora: Maria Amélia Gimmler Netto. 2025. Trabalho de Conclusão de curso (Curso de Teatro Licenciatura), Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2025.

Este trabalho de Conclusão de Curso é resultado de minha pesquisa e ação extensionista no Curso de Teatro-Licenciatura da UFPel. Ele provém de um trabalho que desenvolvo ao longo de quase dois anos como estudante extensionista e também já individualmente como profissional. O texto tem como objetivo apresentar o tema do teatro com potencial terapêutico, passando por alguns momentos no decorrer da história, onde este tema já era latente, até chegar em minhas experiências com o tema, tanto na Universidade, quanto fora dela, em meu ambiente de trabalho. Dessa forma, abordo a questão: *Como o trabalho com oficinas de teatro podem auxiliar na prevenção e tratamento da saúde mental?* Busco responder esta pergunta no decorrer de todo o texto do trabalho, através de meu relato pessoal, de depoimentos de profissionais da área da saúde mental e do diálogo com estudiosos do teatro como Jacob Levy Moreno e Augusto Boal. Ao final do trabalho apresento o que, em minha visão pessoal, é o modo ideal de se desenvolver um trabalho como este.

Palavras-chave: Teatro terapêutico; Saúde mental; Arte; CAPS; Extensão universitária.

Abstract

FREITAS, Lawrien. **Theatre in a therapeutic environment:** Experience of a Performing Arts student in the area of mental health. Advisor: Maria Amélia Gimmler Netto. 2025. Final Paper (Theater Degree), Arts Center, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2025.

This final paper is the result of my research and extension work in the Undergraduate Theater Course at UFPel. It comes from work that I developed over almost two years as an extension student and also as an individual professional. The text aims to present the theme of theater with therapeutic potential, going through some moments throughout history, where this theme was already latent, until arriving at my experiences with the theme, both at the University and outside of it, in my work environment. In this way, I address the question: How can work with theater workshops help in the prevention and treatment of mental health? I seek to answer this question throughout the text of the work, through my personal account, testimonies of professionals in the area of mental health and dialogue with theater scholars such as Jacob Levy Moreno and Augusto Boal. At the end of the work, I present what, in my personal view, is the ideal way to develop a work like this.

Keywords: therapeutic theater; Mental health; Art; CAPS; University Extension; Theater

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Atividade de cena criada em grupo do CAPS Baronesa.....	24
Figura 2: Atividade do espelho desenvolvida com o mesmo grupo do CAPS Baronesa.....	25
Figura 3: Eu e o grupo de usuários do CAPS Baronesa no primeiro dia de oficinas de teatro.....	25

SUMÁRIO

1. TEATRO, ARTE E TERAPÊUTICA.....	13
1.1 Arte e terapêutica na trajetória da humanidade.....	13
1.2 Arteterapia como abordagem terapêutica.....	15
1.3 Abordagens terapêuticas do teatro no Brasil.....	18
2. RELATO DE EXPERIÊNCIAS DE UMA ESTUDANTE DE TEATRO ATUANDO NO CAMPO DA SAÚDE MENTAL.....	23
2.1 A extensão universitária e minha experiência no projeto TOCO.....	24
3. O TRABALHO COM TEATRO EM UM CAPS NO INTERIOR DO ESTADO.....	28
3.1 A visão de profissionais da área da saúde mental sobre a prática de teatro no CAPS.....	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
5. REFERÊNCIAS.....	41
6. APÊNDICES.....	43

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta-se como pré -requisito para finalização de meu curso, Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa referente à escrita teve realização no período de 2023 até os dias atuais, já que sigo desenvolvendo o trabalho de forma independente da Universidade. Sendo assim, realizo nesta pesquisa, uma escrita sobre o seguinte tema: *Teatro em ambiente terapêutico*. Buscando através da minha própria experiência e trajetória com o tema, responder a seguinte questão: *Como o trabalho com oficinas de teatro podem auxiliar na prevenção e tratamento da saúde mental?*

Nesse sentido, primeiramente optei por pensar o início da ligação da arte e do teatro com a possibilidade terapêutica. Sendo assim, no primeiro capítulo faço uma pequena linha do tempo, onde falo sobre o início da ideia de arte terapêutica que possivelmente se deu ainda na pré história, onde o homem utilizava a dramatização em rituais. Dessa forma, sigo apresentando elementos e informações importantes sobre a arte nesse campo. Um dos momentos da história que trago neste capítulo, é a Grécia Antiga, uma das principais colaboradoras para o teatro que conhecemos hoje e também para o teatro de meu tema de pesquisa. É lá que acontece a ligação entre a arte e a saúde, através do vasto conhecimento e inteligência dos gregos, que já nesta época, se preocupavam com a saúde mental e acreditavam no potencial da arte e do teatro para isso. Sendo assim, finalmente chego ao século XX, onde trabalho com nomes como *Jacob Levy Moreno* e *Nise da Silveira*, importantes figuras para o desenvolvimento da possibilidade terapêutica do teatro e da arte em si nos dias atuais.

Ainda no primeiro capítulo opto por falar sobre as abordagens terapêuticas no Brasil no campo do teatro, onde dou foco maior em *Augusto Boal* e em suas técnicas de Teatro do Oprimido. Técnicas que tiveram importância para minha pesquisa, já que foram a grande inspiração para o desenvolvimento de meu trabalho com oficinas de teatro. Busco, partindo do artigo *Aproximações do Teatro do Oprimido com a Psicologia e o Psicodrama*, de *Érika Cecília Soares Oliveira e Maria de Fátima Araújo*, trazer uma comparação entre as técnicas do Psicodrama de Moreno e o método do Arco íris do desejo de Augusto Boal, já que ambos os métodos acabam flirtando com o trabalho que venho desenvolvendo na área da saúde mental.

No segundo capítulo começo discorrendo sobre minha trajetória no curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, bem como meu período como bolsista do Projeto Teatro do Oprimido na Comunidade, o TOCO. Esse momento como bolsista no TOCO foi essencial para o meu desenvolvimento como estudante e também como futura profissional. Foi com as atuações nas comunidades contempladas pelo projeto, que pude perceber e reconhecer o tema deste trabalho como relevante e necessário. Durante meu período no projeto, percebi a importância e a necessidade de estar bem preparada para desenvolver um trabalho em um ambiente terapêutico como um CAPS, já que esse local, exige mais habilidades do profissional, não podendo ser tratado da mesma forma que os demais lugares nos quais eu já havia ministrado oficinas teatrais. Também foi através do TOCO, que tive a visão ampliada, pensando na possibilidade de levar o trabalho que eu desenvolvia junto aos colegas, para outras localidades em outras cidades.

No terceiro e último capítulo, falo sobre o mergulho mais profundo que tive na área da saúde mental por meio de um contrato para trabalhar oficinas teatrais em um Centro de Atenção Psicossocial - CAPS, no interior do estado. Aqui, trato sobre como comecei o trabalho, meus medos, inseguranças e preocupações em um ambiente como esse, ainda mais sendo feito profissionalmente de forma independente, sem a presença da Universidade. Também dou exemplos de acontecimentos relevantes e desenvolvimentos de usuários no decorrer dos encontros. Esse, ao meu ver, é o capítulo mais significativo da pesquisa, pois é nele que se encontra o início, desenvolvimento e resultados do trabalho durante esse período em que venho me preparando e colocando em prática tudo o que tenho aprendido dentro e fora da Universidade.

Por fim, ainda nesse capítulo, apresento depoimentos de profissionais da saúde mental que trabalham comigo no CAPS de uma cidade do interior do RS, que opto por não citar o nome, para preservar as identidades dos sujeitos envolvidos. Esses depoimentos são respostas a uma pergunta feita por mim, onde todos responderam a mesma questão, por meio de texto. Através dessas respostas dos profissionais, pode-se perceber a relevância que as oficinas teatrais exercem na vida dos contemplados e também de quem está muitas vezes de fora, observando. Sendo assim, sigo para minhas considerações finais, onde além de passar novamente por aspectos e elementos importantes que apresentei no decorrer da escrita, também trago reflexões acerca do trabalho com oficinas teatrais em um

ambiente como um CAPS. As necessidades que, ao meu ver, são essenciais para desenvolver um trabalho como esse e quais as características que um profissional deve ter para conseguir de forma tranquila conduzir uma oficina nesse formato. Outro aspecto extremamente relevante e que também escrevo em minhas considerações finais, são os elementos que mais chamam minha atenção no decorrer do desenvolvimento do trabalho, e que podem e devem ser usados para uma pesquisa mais profunda na área.

CAPÍTULO 1

TEATRO, ARTE E TERAPÊUTICA

1.1 Arte e terapêutica na trajetória da humanidade

Os diversos campos da arte e suas aplicações são vastamente explorados no decorrer da humanidade por teóricos e pesquisadores não só da área das artes, mas de diversos meios. Sendo assim, percebo que as possibilidades artísticas fazem parte da própria evolução humana, havendo surgido muito provavelmente, ainda nos tempos pré-históricos. O uso da dramatização como possibilidade terapêutica vem se desenvolvendo há séculos, tendo seu provável início com o começo da própria humanidade, como podemos perceber nas demonstrações artísticas usadas na pré-história, que podem ser interpretadas como instrumentos terapêuticos explorados através das pinturas, danças e rituais. Nesses momentos, o indivíduo tinha a possibilidade de sair de si, experimentar coisas e assim, lidar melhor consigo mesmo. Dessa forma, essas demonstrações, possibilitaram um novo olhar à arte, que ainda nem mesmo tinha esse conceito.

Essa relação entre a arte, dramatização e terapêutica continuou a desenvolver-se muito no decorrer da história, ganhando ainda maior dimensão na Grécia Antiga. As manifestações artísticas na Grécia tinham um papel muito além do que se pode imaginar, já que os Gregos eram muito avançados em relação a diversas áreas do conhecimento. O teatro Grego, com suas tragédias e comédias, permitia ao público vivenciar emoções intensas e refletir sobre dilemas emocionais, sociais ou existenciais. Tudo isso, acabava diretamente influenciando práticas terapêuticas da época, já que os indivíduos que eram contemplados com as apresentações se viam em determinadas situações ou em determinado personagem.

De acordo com Meneghetti (2006), a representação teatral nasce como rito e mistério, o que depois vai tornar-se tragédia ou drama. Para o autor, a tragédia ensina que o sujeito que agir mal, terá um carma, ensina também, que o homem pode tornar-se Deus, mas também pode tornar-se a besta de acordo com seus erros. No governo de Pisístrato (561-528), em Atenas, as representações teatrais tiveram um grande alcance, trazendo repercussão na parte cultural, social e papel educativo relevante para o estabelecimento e a manutenção da cidade democrática.

Assim, os gregos tornaram-se mais humanizados no entendimento de saúde e doença, o que refletiu nas práticas terapêuticas.

Um excelente exemplo da transformação e evolução dos gregos no quesito teatro e saúde é o *Santuário de Asclépio em Epidauro*, um local com foco em cura e arte situado na Grécia. Esse santuário com construção em aproximadamente IV a.c. conta com o Templo, o *Tholos* e o Teatro, que é o mais antigo teatro do mundo. Situado na antiga cidade de *Epidauro*, Peloponeso, na unidade regional de Argólida, esse local se torna relevante para essa pesquisa, pois é através dele que os gregos demonstram sua preocupação na ligação entre a arte e a saúde, possibilitando que os pacientes tratados, ao mesmo tempo que se curavam fisicamente no que hoje podemos considerar um hospital também situado na ilha, cuidassem da mente, participando e assistindo a apresentações artísticas no grande teatro ao ar livre.

É interessante saber que foi lá que se teve o primeiro local sanitário, onde se tem evidências da mudança das crenças comuns, que estavam apenas na cura divina, para a crença no cuidado humano, que veio depois a se consolidar como a ciência da medicina. No 2º milênio a.C., a ilha foi um local de cura ceremonial, que foram posteriormente enriquecidas pelos cultos de *Apolo Maleatas* no século VIII a.C. e depois por *Asclépio* no século VI a.C. Sendo assim, pode-se perceber que os Gregos já acreditavam que a arte poderia contribuir com a cura física e emocional de doentes, criando o Teatro, como construção espacial, que é considerado o mais antigo do mundo, juntamente com as demais construções do santuário. Segundo informações do site da UNESCO, hoje o teatro, que ainda é usado para concertos e festivais, preserva quase 90% de sua forma original.

Assim como o teatro já era utilizado pelos antigos gregos não somente como forma de entretenimento, mas como possibilidade de expressão e catarse coletiva, ao longo da história, diferentes pesquisadores e estudiosos exploraram o potencial terapêutico da arte dramática. Nesse contexto, séculos depois, Jacob Levy Moreno desenvolveu o que viria a ser um dos métodos mais famosos na área da psicologia. O Psicodrama utiliza a dramatização como forma de investigar e entender a psique humana, permitindo que os indivíduos revivam e ressignifiquem suas experiências por meio da encenação.

Todos os seus poderes, feitos e pensamentos aparecem na cena em seu contexto e sequência originais, réplicas das fases por que passaram outrora. Todo o passado é exumado de seu túmulo e acode imediatamente

ao chamado. Não emerge apenas para curar-se, para alívio e catarse, mas é também o amor a seus próprios demônios que o impele o teatro a libertar-se de suas cadeias. Para poder escapar de suas jaulas, rasgam suas feridas mais profundas e secretas, e elas sangram agora exatamente, ante os olhos da gente. (MORENO, Jacob Levy, 1975, p. 77)

No trecho citado acima, Jacob Levy Moreno explora a ideia de que o teatro, especialmente no contexto do psicodrama, é uma ferramenta poderosa para reviver e confrontar o passado. Ele sugere que, ao trazer à tona memórias e experiências enterradas, o participante não apenas busca alívio ou catarse, mas também enfrenta suas próprias sombras e demônios internos. O processo de reviver o passado no palco não é apenas uma simples reconstrução dos acontecimentos, mas serve como um meio de liberação, no qual os acontecimentos mais profundos e secretos são expostos. Com isso, segundo ele, o psicodrama permite que a pessoa se liberte das jaulas emocionais e psicológicas que a prendem, trazendo à tona o sofrimento de forma pública e consciente, o que contribui para o processo de cura e transformação pessoal.

Segundo Moreno, a palavra *terapeuta* vem do grego, *therapeutes*, e significa assistente, criado, cuidador, o que justifica a função de expulsão de demônios dos corpos das pessoas através de rituais e encantamentos. Para Moreno, o Teatro, muito antes de ser local artístico para representações, era lugar para terapêutica e catarse. Com relação a essa ideia de Moreno, pode-se analisar melhor a história da Grécia com o teatro, já que é lá que é possível descobrir um importante momento de encontro entre a dramatização e a terapêutica, onde temos a passagem de ritual para teatro e tendo como grande elemento para essa mudança o advento da tragédia.

1.2 Arteterapia como abordagem terapêutica

Acredito que não se pode falar sobre o papel do teatro na saúde, sem discutir um conceito importante e que vem ganhando espaço nessa área, que é a *arteterapia*. Tendo como abordagem para o trabalho terapêutico a utilização da expressão artística como meio para promover o autoconhecimento, o desenvolvimento emocional e a cura, a arteterapia proporciona através de diferentes formas de arte, como a pintura, a escultura, a música, a dança e o teatro, que os indivíduos participantes possam externalizar os sentimentos e pensamentos que

muitas vezes são difíceis de verbalizar. Esse processo ajuda na conexão com aspectos profundos de cada ser, permitindo uma comunicação mais livre e espontânea, o que pode reduzir o estresse, a ansiedade e promover o bem-estar. Essa prática oferece um espaço seguro e interessante para os indivíduos que participam, ainda podendo explorar as emoções tanto de forma individual quanto em grupo.

Os arteterapeutas auxiliam os participantes na criação artística, proporcionando um ambiente de apoio e sempre bastante reflexivo. A arteterapia não se preocupa com a qualidade estética da obra, mas sim com o processo de criação e o significado atribuído à obra pelo próprio indivíduo. Ao transformar emoções e pensamentos em arte, a pessoa participante pode ganhar uma nova perspectiva e entendimento sobre suas vivências, criando um caminho para a cura e a integração de aspectos internos que precisam de atenção e cuidado.

Nesse contexto, pode-se destacar o legado de Nise da Silveira, psiquiatra que foi uma das pioneiras da arteterapia no Brasil, sendo fundamental para a incorporação da arte como ferramenta terapêutica no tratamento de pacientes com transtornos mentais. Sua obra e pesquisa sobre as relações entre arte e psicologia começaram a se consolidar ainda na década de 1940, quando ela trabalhou em um dos maiores hospitais psiquiátricos do Rio de Janeiro, o Pedro II. Nise foi responsável por observar e analisar o comportamento de pacientes psiquiátricos e como a criação artística podia ser um caminho para a expressão e compreensão de suas emoções e conflitos internos. Ela era fascinada e incentivadora pela obra de pacientes que, através da arte, conseguiam manifestar aspectos e situações do inconsciente, muitas vezes revelando conteúdos psíquicos complexos de forma simbólica.

Nossa observação comprovou que a oportunidade que o indivíduo teve, durante o tratamento, de descobrir as atividades expressivas e criadoras, de ordinário tão pouco acessíveis à maioria, poderá abrir-lhe novas perspectivas de aceitação social através da expressão artística ou simplesmente (o que será muito) muní-lo de um meio ao qual poderá recorrer sozinho, para manter seu equilíbrio psíquico. (SILVEIRA, Nise, 1992, p. 19)

Na citação acima, Nise da Silveira permite refletir sobre o poder terapêutico da arte e das demais expressões da criação como um caminho para a reorganização da mente e dos problemas ali nutridos. Quando um indivíduo consegue colocar para fora suas emoções e experiências mantidas internamente, ele está despotencializando o caos que o está perturbando. Dessa forma, poder transformar o que é abstrato ou incontrolável em algo mais tangível e até mesmo comprehensível, aproxima aquela pessoa do alívio das tensões e da solidão que muitas vezes a está acompanhando em situações como essas, criando assim, caminhos e possibilidades para o equilíbrio emocional.

A principal contribuição de Nise da Silveira foi o seu trabalho com os desenhos e pinturas criados por pacientes esquizofrênicos. Em sua pesquisa, ela analisou que muitos dos desenhos desses pacientes possuíam semelhanças e certos padrões que se repetiam, o que apresentava uma ligação com certos arquétipos gerais, conceitos que ela usou para explorar os aspectos mais profundos da psique humana. Nise da Silveira também valorizou a arte criada por aquelas pessoas, que estavam à margem da sociedade, mostrando que suas expressões artísticas eram importantes e significativas. Ela foi fundamental para a legitimação da arteterapia como prática terapêutica, dando visibilidade à arte como um caminho de cura e de autoconhecimento.

Nesse contexto, se torna interessante pensar que o legado de Nise da Silveira, muito possivelmente pode ter contribuído e até mesmo influenciado a força que a reforma psiquiátrica¹ que teve advento na década de 1970 teve no Brasil. Nise, como já foi dito anteriormente, foi pioneira em acreditar em novas possibilidades para o tratamento de pessoas com transtornos mentais. Utilizando métodos não convencionais, como a arte para o tratamento desses pacientes. E com isso, compartilhando a ideia central da reforma psiquiátrica, de que pessoas com transtornos mentais devem ser tratadas com dignidade e que as práticas terapêuticas devem ser voltadas para a integração, ao invés do isolamento.

O foco de Nise, era nas Artes Visuais, e ao meu ver, se deu em grande parte pela natureza do trabalho realizado em hospitais psiquiátricos, onde essas formas de expressão eram mais acessíveis e comumente mais utilizadas. Sendo assim, por

¹ Reforma Psiquiátrica foi um movimento que tinha como objetivo transformar o modelo de atendimento à saúde mental, deixando para trás o sistema manicomial e abusivo, e possibilitando um tipo de tratamento mais humanizado e voltado para a reintegração social dos pacientes.

mais que o trabalho dela não demonstrasse explorar outras possibilidades artísticas, como o teatro, por exemplo, posso perceber que ela via a arte como uma forma de comunicação do inconsciente, e seu trabalho foi uma tentativa de entender a psique humana de maneira mais complexa e integradora, ultrapassando a ideia de que a arte era apenas uma forma de terapia ou distração. Nise da Silveira contribuiu para uma reavaliação do papel da arte na psiquiatria, ao mesmo tempo, abrindo espaço para que novas formas de abordagem terapêutica e criativa fossem exploradas, o que tinha grande raridade em sua época.

1.3 Abordagens terapêuticas do Teatro no Brasil

Como já citado anteriormente na sessão de *Arte e terapêutica na trajetória da humanidade*, na primeira metade do século XX, um conceito se faz importante no estudo dessa temática. O *Psicodrama* de Jacob Levy Moreno, é uma das teorias mais conhecidas e estudadas nesse meio e também adentrou no mundo da dramatização com fins terapêuticos, inclusive trazendo novamente as práticas de antigos rituais de tribos indígenas da costa ocidental da Califórnia e dando ênfase a elas. Seu criador, Jacob Levy Moreno, foi um psiquiatra, psicoterapeuta e dramaturgo, que influenciado pelo teatro espontâneo e pelo estudo das relações entre pessoas e grupos, desenvolveu um método no qual os participantes revivem situações ou representam histórias, promovendo expressão emocional e resolução de conflitos internos. A teoria desenvolvida por ele enfatiza a espontaneidade e a criatividade como elementos fundamentais para a saúde mental, aproximando-se mais uma vez do conceito de catarse presente no teatro desde a Grécia antiga. Moreno via o psicodrama como uma possibilidade terapêutica, assim como um meio de transformação social, auxiliando indivíduos a se compreenderem e se relacionarem melhor.

De certa forma, semelhante a visão de Moreno, outro nome surgiria no campo do teatro com fins terapêuticos. *Augusto Boal*, que desenvolveu *O Teatro do Oprimido*, na década de 1970, tinha um propósito parecido, com proposta central de transformar o teatro em uma ferramenta de conscientização e ação social. Boal visava transformar a prática teatral, tornando-a um meio de empoderamento e reflexão social. Ele procurava substituir o teatro tradicional, que mantinha a plateia passiva, por uma forma mais interativa e participativa.

Boal acreditava que o teatro deveria ser acessível a todos e não apenas a um seletivo grupo. Isso o levou a desenvolver uma série de metodologias que buscavam integrar a plateia ao processo criativo e crítico do teatro, rompendo com as convenções e buscando a transformação social e pessoal através da prática teatral. Sendo assim, buscou trabalhar com diferentes grupos, mostrando que o Teatro podia estar presente em diversas áreas. As teorias de Boal de teatro do oprimido apresentam diversas modalidades, uma delas é o *Arco íris do desejo*. Durante sua jornada, ele teve várias experiências com a possibilidade do teatro ‘terapêutico’, desenvolvido com pacientes psíquicos e falou sobre esse trabalho e como ele poderia ser proveitoso para o indivíduo em algumas de suas obras:

Penso que a arte teatral pode ajudar no tratamento mental se o diretor (*Curinga*) compreender que o usuário não é um rascunho de ser humano que precisa ser corrigido pelo professor, mas alguém com suas idiossincrasias específicas, que o tornam inadaptado e infeliz no seu meio social. (BOAL, Augusto, 2009, p. 227)

Nessa citação, Boal reflete sobre a abordagem do teatro em um ambiente de trabalho com pessoas em sofrimento psicológico. Ele destaca que o papel do ministrante ou ‘*curinga*’, não deve ser o de impor a atividade da maneira como ele acha que deve ser, ou impor uma norma, mas sim compreender que cada um oferta características e formas de desenvolvimento únicas e muito pessoais. Dessa maneira, fica claro que a arte teatral desenvolvida neste âmbito funciona muito mais como um espaço de acolhimento, expressão e reflexão. Oferecendo um cenário onde as características e vivências pessoais são respeitadas e valorizadas, permitindo que assim, o paciente consiga refletir sobre sua própria vida e possíveis mudanças. Desse modo, *O Arco-Íris do Desejo* que é uma das técnicas desenvolvidas por Boal que combina elementos de teatro e terapia, visa explorar e transformar opressões internalizadas por meio da análise e ressignificação de desejos e emoções.

O artigo *Aproximações do Teatro do Oprimido com a Psicologia e o Psicodrama*, de Érika Cecília Soares Oliveira e Maria de Fátima Araújo (2012) traça comparações entre o método de Boal e o psicodrama de Jacob Moreno, método que já citei anteriormente, destacando as semelhanças em suas abordagens. No contexto da obra, ambos os métodos buscam utilizar a interação ativa entre os participantes para promover mudanças pessoais e sociais. As técnicas de ambos os

métodos incluem a improvisação, o trabalho com o ‘aqui e agora’, e o uso do palco como um espaço para experimentação e transformação. Apesar das semelhanças, Boal e Moreno têm diferenças notáveis em suas abordagens. Boal focava no coletivo e principalmente, no fazer teatral, elemento que as próprias, autoras exemplificam, em uma situação escrita por Bezerra (2000) para demonstrar o foco de Boal no campo teatral:

A autora cita um episódio ocorrido com o próprio Boal em uma oficina no Canadá. Diante da queixa de uma participante que havia mobilizado questões pessoais que não foram trabalhadas, ele disse: Eu faço teatro, o que vocês fazem de suas vidas é problema de vocês (Dwyer como citado em Bezerra, 2000, p. 43). Para Bezerra, a reação de Boal evidencia a confusão entre as abordagens psicológica e política, entre problemas psicológicos e opressões sociais. (OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; ARAÚJO, Maria de Fátima. 2012, p. 340-355.)

Com isso, entendemos que Boal via o TO como uma ferramenta para enfrentar e modificar problemas coletivos e sociais, enquanto o psicodrama de Moreno visava resolver conflitos internos do indivíduo, cura individual e desenvolvimento pessoal, ainda que os conflitos fossem resolvidos coletivamente, o foco era no “eu”. Enquanto Boal trabalhava sempre no contexto “nós”, observando os conflitos mais generalizados em relação a grupos da sociedade. Outra diferença importante, que pode-se perceber a partir das ideias das autoras, é que, para Boal, o papel do terapeuta ou do "curinga" é facilitador e não autoritário, em contraste com a abordagem mais diretiva do psicodrama. Ainda segundo as autoras, outro aspecto diferenciador entre os dois métodos, é que o psicodrama busca a cura através da catarse, eliminando o que está incomodando o indivíduo. Já no TO, procura-se eliminar os bloqueios que impedem o indivíduo de realizar uma ação.

Ainda nesse contexto abordado no texto, as autoras trazem os desafios na aplicação do "Arco-Íris do Desejo" e sua relação com práticas psicológicas e psicoterapêuticas. Pois, embora o teatro possa ter efeitos terapêuticos em alguns casos, esses efeitos não devem ser confundidos com uma terapia formal. Segundo a visão apresentada no artigo, embora o teatro possa provocar autoconhecimento e mobilização emocional, não possui a estrutura e as garantias de um *setting* terapêutico, como a definição clara de papéis e objetivos, e a continuidade do acompanhamento. As autoras questionam como os facilitadores garantem que os conflitos e demandas individuais sejam tratados de forma ética e segura,

considerando que a formação dos ministrantes, geralmente é limitada e frequentemente não têm formação em Psicologia, o que levanta preocupações sobre o manejo adequado dos conteúdos emocionais e pessoais dos participantes.

Entre muitas outras questões que as autoras abordam no texto, uma delas é que as técnicas do "Arco-Íris do Desejo" são poderosas e podem produzir insights significativos, mas requerem um manejo cuidadoso. Elas criticam a falta de preparação e reflexão por parte dos facilitadores e questionam se o uso inadequado dessas técnicas pode, em vez de emancipar, criar novas formas de opressão. O ideal, ainda segundo as autoras, é que tanto facilitadores quanto participantes estejam cientes das especificidades de cada prática e das implicações de suas interações, promovendo um espaço seguro e construtivo para todos os envolvidos.

Sendo assim, parto do pressuposto que o Teatro do Oprimido e o Arco-Íris do Desejo representam uma inovação significativa no campo teatral e terapêutico, ampliando a função do teatro como uma possibilidade de auto exploração e mudança social. Mesmo que algumas das técnicas do TO compartilhem algumas semelhanças com o psicodrama de Moreno, suas abordagens e objetivos distintos refletem a adaptação das técnicas teatrais às necessidades e contextos específicos de seus criadores.

Neste momento, se torna essencial salientar que embora eu tenha me inspirado muito na técnica do Arco Íris do desejo para iniciar o trabalho com teatro na área da saúde mental, não utilizei as técnicas descritas no livro de Boal de mesmo nome, tampouco os exercícios propostos pelo método. Acredito, assim como as autoras do artigo: *Aproximações do teatro do oprimido com a psicologia e o psicodrama*, já citado anteriormente neste trabalho, que as técnicas e o método em si necessitam de muito cuidado, pregar e talvez até mesmo de um profissional formado na área da saúde mental participando ativamente dos encontros. Sendo assim, meu trabalho se dá a partir de jogos e atividades conhecidas no campo da iniciação ao teatro e mais comumente usadas em oficinas de iniciação teatral, encontrados principalmente nos livros *Fichário de Viola Spolin*, e no *200 Jogos para atores e não atores*, do Augusto Boal.

Dessa forma, como pode ser visto anteriormente, percebe-se que o desenvolvimento de um trabalho como esse na área da saúde, exige um pregar e cuidado muito específico voltado para a questão da saúde mental. Sendo assim, acredito que é preferível usar atividades cênicas mais populares e que tenham uma

indicação de uso possível a diversos públicos de oficinas teatrais, do que correr o risco de prejudicar ou agir de forma desrespeitosa com a história e tratamento de um ser humano que está ali confiando no profissional parte de seu processo de cura ou busca de mais saúde. Diante disso, nos dois próximos capítulos falarei de minhas experiências de trabalho com oficinas de teatro em ambiente terapêutico, mais precisamente nos Centros de Assistência Psicossocial (CAPS). Nesse período de trabalho, tive excelentes momentos, mas também muitos desafios, que me proporcionaram vivências para poder escrever esse trabalho hoje.

CAPÍTULO 2

RELATO DE EXPERIÊNCIAS DE UMA ESTUDANTE DE TEATRO ATUANDO NO CAMPO DA SAÚDE MENTAL

Desde o ano de 2022, quando comecei a trabalhar com oficinas teatrais, pude perceber a reverberação que as atividades e jogos trabalhados tinham na vida das pessoas contempladas. Muito mais que um desenvolvimento artístico, observei que aquele momento de oficinas proporcionava uma nova visão e esclarecimento da vida para os participantes.

É impossível falar sobre esta trajetória com teatro terapêutico, sem trazer minha entrada no curso de Teatro Licenciatura da UFPel em 2021, que veio cheia de incertezas. Tive medo de não corresponder às expectativas da minha família e às minhas próprias, com relação ao meu futuro. Sempre fui muito centrada, prezando por estabilidade na vida profissional e independência financeira. A verdade é que eu não conseguia enxergar qual o caminho tomar dentro do curso. Para todos os lados que eu olhava, não via um futuro a longo prazo, somente situações e projetos passageiros, o que me incomodava enquanto alguém que já buscava um direcionamento para um futuro dentro da profissão. Tantas preocupações, quase me fizeram desistir do curso ainda nos primeiros semestres.

Logo ao entrar na universidade, iniciei o trabalho com oficinas de Teatro em uma instituição sem fins lucrativos no interior do estado. Neste ambiente, pela primeira vez, pude perceber como as oficinas teatrais podem beneficiar a saúde e bem-estar dos participantes que eram atendidos lá. Essas pessoas, mais precisamente jovens e crianças, muitas vezes tinham uma realidade difícil, muito sofrimento, dificuldades financeiras e o pior: violências de todos os tipos.

Na época, eu não tinha muita noção do que queria e buscava naquele lugar, por isso, não observei com a objetividade que tenho hoje. Ainda assim, lembro de notar coisas pequenas, porém significativas, como uma mudança no humor dos participantes no decorrer do desenvolvimento das atividades. Nos dois primeiros semestres da graduação, não quis envolver-me com nada em Pelotas, então, por mais tenham surgido convites, não participei de nenhum projeto da Universidade. Já no início do terceiro e quarto semestre, fui abrindo-me para novas oportunidades e assim começou minha trajetória no Projeto Teatro do Oprimido na Comunidade, o TOCO.

2.1 A extensão universitária e a minha experiência no Projeto TOCO

O projeto Teatro do Oprimido na Comunidade - TOCO, coordenado pela Professora Doutora Fabiane Tejada da Silveira, acolheu-me ainda no ano de 2022, proporcionando-me encontrar e visualizar o tema de minha pesquisa já nos primeiros meses como bolsista. O projeto já desenvolvia atividades em alguns ambientes comunitários como na Associação de Pais e Amigos de Jovens e Adultos com Deficiência (APAJAD), sempre pautados nas reflexões e estudos dos teóricos Augusto Boal e Paulo Freire. No primeiro semestre de 2023, iniciamos oficinas no Centro de Assistência Psicossocial da Baronesa - CAPS Baronesa.² Como bolsista do projeto, senti necessidade de aprofundar-me ainda mais em atividades, assuntos e possibilidades, que acolhesse ainda mais os usuários. Foi basicamente assim, que o tema deste trabalho surgiu. Fui interessando-me cada vez mais pela possibilidade do trabalho teatral na área da saúde mental e buscando novas oportunidades para meu desenvolvimento enquanto profissional nessa área.

No período de trabalho nos ambientes comunitários junto ao TOCO, passei por muitas situações maravilhosas, onde recebi afeto, retornos positivos e aprendi muito enquanto estudante. Foi também com o TOCO que tive alguns momentos que situaram-me melhor no local em que eu estava entrando. A área da saúde mental, por mais que seja maravilhosa, cheia de recompensas e resultados que podem ser vistos diariamente, também exige uma preparação e certa estabilidade emocional, pois ali o profissional está lidando com indivíduos com vários tipos de problemas ou sofrimentos.

Lembro-me do dia em que juntamente com uma colega, que naquela época participava do projeto, montamos o roteiro de atividades e nos dirigimos ao CAPS Baronesa. Nesse dia, por sabermos que teria alguns participantes novos na oficina, optamos por levar a atividade '*nome e gesto*', uma atividade comum e geralmente bem aceita em todos os locais em que eu havia ministrado oficinas. Nesse dia, porém, uma usuária que já havia ido em alguns encontros, manifestou não gostar da atividade e disse se sentir uma aluna em uma aula. Ela disse com a voz bastante

² Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são locais que oferecem serviços para a população. Nesses lugares, existe uma equipe que, em conjunto, trabalha para proporcionar ao usuário uma vida melhor em sociedade, atendendo necessidades como saúde mental, álcool ou outras drogas.

alterada e demonstrando já uma certa impaciência por uma simples atividade. Nesse momento, eu e minha colega aceitamos o que ela estava dizendo e em seguida a profissional arteterapeuta, que nos auxiliava durante as oficinas, intervii na situação acalmando a usuária. Na outra semana, ao chegarmos, a usuária prontamente nos pediu desculpas e disse que havia se descontrolado por outras questões que nada tinham a ver com a gente ou com a atividade.

Com isso, pude ter noção que um ambiente de CAPS, não é um local simples para trabalhar com oficinas, o ministrante deve estar preparado para todos os tipos de reação dos participantes. Outra reação que aconteceu durante minha passagem pelo CAPS Baronesa, que acho importante citar por ser totalmente o oposto da anterior, foi com outra paciente, que ao fazer uma atividade que a recordou seu cachorrinho que estava em casa esperando-a, começou a chorar e assim ficou por alguns minutos. Por mais que tenha sido um momento bem mais tranquilo e sem a tensão do anterior, essa situação também exigiu uma sabedoria emocional para lidar de forma correta. Lembro-me de conversar com ela e seguir a atividade, dando o espaço necessário para ela colocar para fora o que estava sentindo, mas sem dar tanto foco posteriormente. Em seguida, a usuária estava participando novamente, sorrindo e brincando com os demais colegas.

Sendo assim, durante os anos de 2023 e 2024, período o qual atuei como bolsista do projeto TOCO, desenvolvemos um trabalho semanal nos dois ambientes comunitários, CAPS Baronesa e APAJAD. Buscavamos levar jogos e atividades teatrais que dialogassem com as necessidades de cada grupo, como pode ser visto no apêndice A, em que eu trouxe um dos roteiros que montavamos para cada oficina como exemplo. O principal foco era proporcionar bem estar e auxiliar no desenvolvimento de habilidades como criatividade, equilíbrio, motricidade, atenção, entre outras. No decorrer desse período com as duas comunidades, tive momentos maravilhosos, que me proporcionaram novas descobertas, além de inúmeros aprendizados. Trabalhar teatro com indivíduos que muitas vezes não têm espaço para se expressar na sociedade, é impactante e necessário.

Além das ações nas comunidades, o Projeto TOCO me possibilitou a escrita para eventos da Universidade, como o Congresso dos Projetos Unificados do Centro de Artes da UFPel - UNIFICA e a Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão - SIIIEPE. No ano de 2023, apresentei no UNIFICA o trabalho: '*Projeto de Extensão Teatro do Oprimido na Comunidade: Reflexões a partir da ação na*

Associação de pais e amigos de jovens e adultos com deficiência - APAJAD sob orientação da Professora Doutora Fabiane Tejada da Silveira, nesse primeiro trabalho focamos apenas no desenvolvimento do projeto na APAJAD. Já no SIIEPE do mesmo ano, nosso tema foi: '*Projeto Teatro do Oprimido na Comunidade: Avanços e desafios*', onde falamos pela primeira vez da atuação do projeto no CAPS Baronesa. Já no ano de 2024, juntamente com a Professora Doutora Maria Amélia Gimmler Netto, que era a atual coordenadora do projeto, optamos por focar totalmente no potencial terapêutico que o TOCO vinha desenvolvendo no trabalho com o CAPS Baronesa, mas também com a APAJAD: '*Teatro do Oprimido na Comunidade: Avanço no potencial terapêutico*'. É importante dizer que fomos destaque nos dois anos seguidos no SIIEPE, concorrendo com vários trabalhos excelentes e com grandes potenciais, o que para mim é motivo de um enorme orgulho. Foi a partir de minha experiência no TOCO, que percebi que esse trabalho com oficinas teatrais na área da saúde, mais especificamente na saúde mental, poderia ir além do projeto de extensão da universidade.



Figura 1: Atividade de cena criada com grupo do CAPS Baronesa. Fonte: acervo pessoal. 08/09/2023



Figura 2: Atividade do espelho desenvolvida com o mesmo grupo do CAPS Baronesa. Fonte: Acervo pessoal. 08/08/2023



Figura 3: Eu e o grupo de usuários do CAPS Baronesa no primeiro dia oficinas de teatro. Fonte: Acervo pessoal. 21/03/2023

CAPÍTULO 3

O TRABALHO COM TEATRO EM UM CAPS NO INTERIOR DO ESTADO

Atualmente, tive a possibilidade de mergulhar ainda mais no meio da saúde mental através de meu trabalho em um CAPS no interior do estado. No início do ano de 2024 ofereci meu trabalho em forma de um projeto de oficinas teatrais para serem desenvolvidas no CAPS de um município pequeno na região sul. Com isso, fui contratada pela prefeitura para desenvolver um trabalho de oficinas junto aos pacientes do CAPS. Desde esse momento, venho atendendo crianças, jovens e adultos com diferentes necessidades semanalmente. Neste TCC opto por não identificar o CAPS, os profissionais, a cidade ou detalhar muitas situações que trarei no decorrer do trabalho. Busco assim, preservar o ambiente, os profissionais e os próprios pacientes, já que o município é pequeno e há apenas um CAPS na cidade, o que facilitaria a identificação e faria com que eu não agisse com a ética necessária para desenvolver um trabalho em um ambiente como esse, ao correr o risco de expor os usuários.

Ao iniciar um trabalho com teatro no ambiente da saúde, muitas questões e preocupações surgem. Uma delas é como os pacientes irão compreender o trabalho que é feito, se irão aceitar e de fato fazer as atividades propostas, já que estamos falando de uma cidade de interior, com menos de 40 mil habitantes, onde a maioria de sua população nunca teve contato com teatro ou oficinas teatrais. Outra questão era, como os profissionais que já estavam trabalhando nesse ambiente veriam meu trabalho, se me tratariam como profissional, com valorização, com acolhimento, já que é um trabalho que nunca foi nem mesmo pensado para ser desenvolvido nessa cidade. Neste momento em específico, essa questão se tornou muito forte para mim, pois por ser uma cidade pequena do interior, a minha preocupação com a rejeição dos usuários e dos próprios colegas era grande.

No primeiro dia que cheguei ao local e me apresentei para iniciar o projeto, tivemos uma reunião de equipe, onde senti a abertura necessária e comentei sobre esse receio aos colegas. Todos prontamente me acolheram e demonstraram total interesse e apoio no desenvolvimento do meu trabalho. Neste momento, me senti extremamente bem recebida, valorizada e pela primeira vez, consegui sentir o meu trabalho importante de verdade, pois nos outros ambientes eu era uma estudante fazendo parte de um projeto da Universidade, não tinha total noção se o que eu

estava propondo, de fato seria valorizado fora do ambiente acadêmico. Nesse momento inicial, senti que criaria uma excelente relação de companheirismo com meus colegas de trabalho.

Com o início das oficinas, o primeiro grupo que tive contato era mais focado e comparecia toda a semana. Esse grupo, fixado na parte da manhã, era de pacientes chamados ‘crônicos’, que frequentavam as oficinas desenvolvidas pelo CAPS há anos. Com esse grupo, desenvolvi atividades já nos primeiros encontros, também criamos uma linda conexão e vínculo, o que proporcionou que construíssemos até mesmo peças teatrais nos primeiros dois meses de encontro. Nessas peças, os usuários participavam da criação, atuavam e apresentavam para diferentes públicos, no próprio CAPS e também em eventos com convites para outros grupos de oficinas propostas pela Secretaria de Saúde do Município.

Durante o andamento dos encontros, também tivemos o desenvolvimento de mais três grupos de Teatro. Dois infantis, pela manhã e tarde, e mais um de adultos no turno da tarde. Esses três grupos acabaram sendo, até o momento da escrita desse trabalho, difíceis de criar uma rotina. Não houve um vínculo forte entre os próprios participantes, o que resultou, a meu ver, na falta também de interesse pela participação semanal. Alguns integrantes do grupo de crianças do turno da tarde têm uma frequência maior, mas ainda assim, acabam sendo prejudicados por conta dos outros que muitas vezes não comparecem. O grupo de adultos do turno da tarde tem tentado se desenvolver a partir da frequência de três usuários, que há algumas semanas frequentam os encontros sem faltas. Porém, se torna difícil o trabalho de teatro com apenas três participantes. O fato é que tivemos persistência e ao final do ano de 2024, conseguimos criar juntos uma cena teatral e apresentamos pela primeira vez para os demais pacientes e equipe do CAPS.

O fato é que além de trabalhar com oficinas teatrais em um ambiente da área da saúde, muitas questões surgem dos próprios pacientes. Algumas vezes, situações importantes se dão, por ser um trabalho com pacientes com diversos tipos de necessidades e sofrimentos psíquicos. Como já falei anteriormente no capítulo dois, o dia em que uma paciente no CAPS Baronesa me questionou de forma exaltada sobre uma atividade que eu havia proposto. Foi uma situação difícil, pois eu ainda não tinha muita experiência, tampouco havia vivido algo semelhante. A participante se exaltou e demonstrou grande insatisfação com uma simples atividade proposta ao grupo. Felizmente havia uma profissional arteterapeuta acompanhando

a oficina nesse momento, o que me deixou mais tranquila e de certa forma, protegida.

Com o passar do tempo, fui me adequando cada vez mais ao ambiente, aos usuários desse serviço e ganhando experiência para momentos de dificuldade. No final do ano de 2024, finalizei meu ciclo no CAPS Baronesa, juntamente com meu período de bolsista no projeto TOCO. Com isso, segui meu trabalho independente no CAPS do interior, onde nunca tive problemas ou passei por situações semelhantes a essa que mencionei com algum usuário. Acredito que essa tranquilidade de trabalho que tenho hoje no CAPS que sigo desenvolvendo as oficinas, se dá talvez por ser uma cidade do interior, onde o público é bem menos agitado com relação a correria e problemas do dia a dia. Mas penso que principalmente, essa maior facilidade também existe por conta dos pacientes terem mais contato comigo, já que frequento o CAPS semanalmente durante 8h na semana, diferente do CAPS Baronesa, onde minha oficina tinha a duração de apenas uma hora semanal, assim como minha presença no serviço.

O fato é que no CAPS do interior, sinto que estou fazendo um bom trabalho, como pude perceber em diversos pacientes. Um deles em especial, tinha muito problema de comunicação, não havia a possibilidade de um diálogo, pois ele mal respondia a questões básicas como sim e não. Com o trabalho das oficinas, com paciência e sem esperar nada pude presenciar ele se desenvolvendo e hoje, atuando em peças teatrais que criamos e apresentamos para os demais usuários e funcionários do CAPS. Casos como esse não são raros, há muitos pacientes que quando tive o primeiro contato, não se comunicavam ou tinham uma resistência enorme não só comigo, mas com as demais atividades propostas pelo CAPS. Pacientes estes, que aos pouquinhos, com calma e sem esperar nada, hoje se comunicam, frequentam as oficinas sem faltas e tiveram desenvolvimento em seu dia a dia, fazendo amizades, saindo mais vezes de casa, e alguns nutrindo interesse até mesmo em estudar e evoluir mais em outros aspectos da vida.

Os encontros com os quatro grupos têm em torno de uma hora semanal cada, onde busco sempre ser o mais aberta e transparente possível com todos. Iniciamos sempre conversando, nesse momento surgem muitas questões, situações rotineiras que fazem parte da vida de muitos ali presentes, ou coisas mais individuais, mas que eles se sentem à vontade para expor. Acho esse momento de conversa de extrema importância nesse cenário, pois os usuários sentem necessidade de falar, expor e

ouvir palavras que possam ajudar em determinadas situações de suas vidas. Sempre tento responder de forma a ajudar nas diversas situações, e percebo que esse momento para eles é muito prazeroso.

Em seguida, fazemos um relaxamento do corpo e de tranquilização da atividade mental, onde às vezes com auxílio de uma música relaxante ou somente a partir da conversa, tentamos nos conectar com aquele momento, deixando fora do ambiente as aflições, ansiedades e pensamentos ruins, focando apenas no ‘agora’. Após, vamos para as atividades, que dependem muito do dia e das situações vividas nas últimas semanas. Geralmente, quando não estamos ensaiando alguma peça para apresentação, momento preferido de todos, fazemos atividades teatrais propostas por Viola Spolin e Augusto Boal, como jogos de improvisação teatral e criação de cenas.

Sempre dou preferência para a criação de cenas com algum tema, ou algumas vezes com tema livre. Essas criações podem ser em grupos, por conta de alguns usuários que são mais tímidos entre si, mas também podem ser criações individuais, pois acredito que esse momento de criar algo ou algum personagem, possibilita que eles coloquem para fora aflições, vontades e questões que muitas vezes estão sufocadas ou presas dentro deles. Na maioria das vezes, finalizamos o encontro com uma conversa novamente, onde questiono todos sobre o que acharam, como se sentiram e qual a atividade que mais gostaram de fazer. Também aproveito esse momento para voltar em assuntos que achei relevantes no início, ou que possam ter ficado em aberto, pois acredito seriamente que após aquele momento de foco nas atividades, muitas questões que antes podiam estar incomodando, podem ter diminuído sua importância em suas mentes.

Nos primeiros meses de trabalho, eu acreditava que para um encontro ser produtivo, ele deveria ter vários acontecimentos relevantes, como por exemplo avanços e conquistas dos usuários em atividades propostas. Por conta deste meu pensamento, acabei me frustrando algumas vezes, pois muitos participantes não evoluíam em meu ver, eu não conseguia identificar mudanças ou mesmo progressos significativos. Houve vários encontros em que eu levava atividades, os mais engajados faziam tudo e alguns não aderiam ou simplesmente não conseguiam fazer. Alguns usuários realmente demonstravam não gostar das atividades, e verbalizavam isso de diferentes formas. Isso me incomodava enquanto profissional e me fazia pensar se o que eu estava fazendo realmente tinha sentido, e se estava

ajudando de alguma maneira ou somente tomando o tempo daquelas pessoas. Mesmo com essas situações, não desisti e segui meu trabalho com paciência, pois percebia que por mais que esses participantes falassem não gostar das oficinas, ou não conseguissem fazer totalmente as atividades, eles não faltavam nunca, o que me possibilitou refletir sobre a importância que a rotina daquele trabalho estava tendo na vida daquelas pessoas.

Com o passar das semanas, e hoje após um ano de trabalho, posso falar que, com certeza, o desenvolvimento de um trabalho em um ambiente como esse, se faz da paciência e da persistência. Esses pacientes que inicialmente não estavam aderindo às atividades, hoje participam de tudo, sem nunca faltar. Fazem apresentações, ajudam a criar figurinos, criar cenas. Os usuários que tinham alguma dificuldade com relação à comunicação, socialização ou com a realização de alguma atividade mais criativa, também nunca faltam e hoje consigo perceber sutilmente a forma como o teatro contribuiu e está contribuindo na vida de cada um deles.

3.1 A visão de profissionais da área da saúde mental sobre a prática de teatro no CAPS

Acredito que o trabalho do Teatro dentro do CAPS é visível para todos os profissionais que ali trabalham. Em minha relação com a equipe, que considero ótima, consigo perceber mais claramente ainda as evoluções por meio dos feedbacks de cada um de meus colegas. Sendo assim, pedi que três colegas: a médica psiquiatra e dois dos psicólogos que atendem os mesmos usuários participantes das oficinas, falassem um pouco sobre o desenvolvimento de seus pacientes após o início das oficinas de teatro no CAPS. A pergunta feita aos três profissionais foi: *Como você, como profissional da área da saúde mental, vê as oficinas teatrais no tratamento e vida dos usuários do CAPS? Tem algum exemplo?*

Os três profissionais ficaram muito contentes com meu pedido para que eles contribuissem com meu trabalho de finalização de curso e prontamente me forneceram as respostas a seguir, dois deles por meio de mensagem de texto e um preferiu escrever em uma folha e me entregar.

“As oficinas teatrais no CAPS são uma ferramenta terapêutica extremamente potente. O teatro possibilita a expressão de emoções, a construção de narrativas e a experimentação de papéis sociais, algo muito

importante para usuários que lidam com transtornos psíquicos, isolamento social ou dificuldades de comunicação. Proporcionam inclusão, um espaço de pertencimento e valorização. É possível identificar nos pacientes a melhora na expressão emocional, interação social, redução da ansiedade, melhora na autoestima e resgate do prazer e criatividade.” (Psicóloga da infância)

“Vejo que as oficinas teatrais desempenham um papel fundamental para os pacientes em tratamento para saúde mental, trazendo inúmeros benefícios. Benefícios estes que incluem que os pacientes possam expressar melhor os seus sentimentos e suas emoções de uma maneira segura. Bem como melhorar também a socialização e em alguns casos também apresenta um impacto significativo na melhora da autoestima. Outros benefícios que percebo são o estímulo da criatividade e também a diminuição do estresse. No entanto, é importante frisar que isso somente é possível e seguro quando acompanhado de um profissional responsável e capacitado para esta função.” (Médica Psiquiatra)

“A atividade proporciona para além da riqueza do contato social, a participação em um projeto constituído de etapas livres, mas com certa estrutura, que tratam sobre o ser, estar e se expressar. Nos encontros a integração social se constrói na continuidade com vivências e manifestações de sentires, pensares, na expressão corporal, encenando a história do grupo, também a história individual. Em usuários em *atto* intensivo (4 a 12 *attos* semanais), comuns na unidade, se faz fundamental uma flexibilidade de fazer, ainda que dentro de uma rotina. O que poderia parecer vulgar para alguns, é fundamental em um público que justamente em diferentes graus convive com estigmas e vida comunitária empobrecida em sua maioria. Talvez um dos desafios não só desta, como de outras atividades do serviço, possa ser passar dessa integração social interna para outros espaços na comunidade.” (psicólogo dos adultos)

Os três profissionais entrevistados trouxeram elementos muito perceptíveis em participantes de oficinas teatrais, o que não seria diferente em um ambiente como um CAPS. Muitos são os casos que poderiam ser trazidos aqui, porém há alguns que vejo grande necessidade de exemplificar, como o de um paciente adulto, que sofria com a baixa autoestima, solidão, e alguns problemas mais significativos. Ao começar na oficina, esse paciente demonstrou muito interesse na possibilidade de ensaios e apresentações de peças teatrais. Fiquei surpresa, pois ele era tímido e com problemas de autoestima. Porém, ao começarmos os ensaios e apresentações, ele foi o primeiro a se comprometer, ensaiar e foi excelente ao mostrar o trabalho que tínhamos feito para o público, composto pelos demais colegas e profissionais do CAPS.

Nesse mesmo sentido, o psicólogo entrevistado trouxe a ideia de integração, aspecto que o teatro também trabalha com todos os participantes. Nesse caso, fica ainda mais visível a diferença de antes e depois dos usuários que frequentam as oficinas. A grande maioria, tinha problemas severos de socialização, comunicação,

integração social, preferindo geralmente ficar em casa e longe do convívio social. Claro que todos os elementos que falo aqui, são trabalhados em conjunto com toda uma equipe muito bem capacitada e preocupada com seus pacientes, porém, não posso deixar de sublinhar a importância e eficácia do trabalho com teatro nesses casos. Há usuários que realmente não saiam de casa, iam ao CAPS, faziam apenas o necessário, como ir ao mercado, ao médico ou à escola, e voltavam para casa imediatamente. Aos poucos, esses pacientes foram se desenvolvendo tanto, a ponto de começarem a relatar fazer amizades, sair, se relacionar, voltar a frequentar ambientes que já não frequentavam mais. Isso também se deve pelo fato de sempre haver conversas antes de depois dos encontros, o que eles mesmos já verbalizaram, ser de grande importância, pois eles gostam de compartilhar suas experiências semanais comigo e com os demais companheiros de oficinas.

Um dos retornos mais significativos para mim, foi o da médica psiquiatra. Claro que admiro e sou grata a todos os colegas com quem trabalho semanalmente, mas receber um retorno positivo de uma médica experiente, que provavelmente passou por muitas vivências na área da saúde mental, me faz refletir e ter ainda mais segurança e orgulho do trabalho que venho desenvolvendo. Como a médica colocou em seu depoimento, o estresse é um dos principais problemas que atrapalham a vida dos usuários do serviço. Sendo assim, sempre tento focar as atividades nessa redução de estresse e ansiedade, para que pelo menos naquela uma hora de oficina teatral em que estamos reunidos, os participantes consigam focar no momento e em si.

Tenho um caso muito importante de uma usuária, que além de algumas questões mais individuais, sofria com a necessidade de implantar violência em seu dia a dia, convivendo também muito em questão disso, com estresse e ansiedade, a ponto de muitas vezes não conseguir ficar sentada ou ouvir o que os demais colegas falavam. Logo no início do trabalho com teatro, era bastante difícil, pois ela não permitia muitas vezes que os demais se expressassem, somente ela queria ser o centro das atenções, tendo mais facilidade para as atividades propostas e pouquíssima paciência com os demais colegas que precisavam de mais atenção. Fomos trabalhando com ela principalmente através de criação de cenas e histórias, a ideia de sociedade, de igualdade e de respeito com os demais. Mostrando que cada um tem o seu tempo, suas necessidades e que por conta disso, precisamos ter paciência e dar espaço para os outros. Atualmente, ela é uma das mais atenciosas

do grupo, ajuda os outros, melhorou muito a questão do estresse e falta de paciência, e raramente fala sobre violência ou necessidade de agressão como falava antes.

Diante do exposto, considero que fica nítida a importância do trabalho com arte, mais precisamente com o teatro, no tratamento de pacientes com transtornos psíquicos. Em um ano de desenvolvimento, os grupos das oficinas de teatro alcançaram importantes resultados, vistos não só por mim, professora de Teatro, como por demais profissionais que há anos têm formação e trabalham na área da saúde mental. Através dos retornos desses profissionais, sinto reforçada a ideia de que o trabalho que pensei e desenvolvi com a melhor das intenções, se fez e se faz realmente cada vez mais necessário e pode fazer diferença no tratamento e na vida de tantas pessoas atendidas no serviço.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o exposto, fica evidente que as oficinas teatrais possuem um grande potencial terapêutico, especialmente quando aplicadas em ambientes comunitários e espaços voltados à reabilitação e socialização, como os Centros de Atenção Psicossocial - CAPS. Através das atividades, dos jogos teatrais, da expressão corporal e criação coletiva, os participantes têm a oportunidade de externalizar seus sentimentos, desenvolver a comunicação e fortalecer sua autonomia, o que são elementos essenciais no processo de reabilitação psicossocial.

Assim como trouxe lá no primeiro capítulo, as possibilidades artísticas nos acompanham desde o início da humanidade e há séculos vem se desenrolando a ideia terapêutica do uso da dramatização, seja pelos aspectos poéticos, da criação ou estéticos, da fruição. Ao chegar na Grécia Antiga, ganha maior força e importância, ficando evidente através do famoso templo de Asclépio em Epidauro. Aqui fica clara a importância da arte e do teatro para a saúde mental, já que os gregos se preocuparam em fazer a ligação da arte com a saúde por meio da construção do teatro, o que possibilitava aos pacientes, curar-se fisicamente no hospital e mentalmente participando ou assistindo apresentações artísticas. Durante muito tempo, até quase os dias atuais, a arte ganhou espaço na área de terapias, o que foi excelente e um ganho importante.

Ainda no primeiro capítulo, falo sobre a importância da psiquiatra Nise da Silveira, que destacou-se por suas contribuições pioneiras, utilizando e incentivando as expressões artísticas como forma de terapia para seus pacientes. Acredito que no Brasil, Nise foi uma das grandes inspirações para as demais expressões artísticas serem vistas ou exploradas como possibilidades na área da saúde mental. Ao valorizar a arte produzida por pacientes psiquiátricos como uma forma legítima de comunicação do inconsciente, ela não apenas desafiou os tratamentos convencionais da psiquiatria da época, mas também ampliou a compreensão do potencial curativo das artes.

Contudo, por mais que tenha tido uma abertura maior para as demais expressões artísticas serem mais valorizadas no campo da saúde, penso que o teatro acabou muito esquecido em sua possibilidade terapêutica, sendo somente recentemente recuperada essa ideia. Por mais que tenha sido muito utilizado ainda

pelos gregos com essa finalidade, durante muitos anos, a arte terapêutica ficou muito mais centrada na pintura ou escultura. No decorrer do século XX, com as ideias de Moreno e Augusto Boal, o potencial terapêutico do teatro foi ficando mais evidente, mas ainda assim, demorou bastante para ganhar um espaço maior e reconhecimento. Quando eu comecei o trabalho com oficinas em ambientes terapêuticos, muitas foram as perguntas do tipo: '*Teatro em um CAPS? Para que?*'. Claro que eu sempre expliquei a ideia com paciência, e as pessoas ficavam encantadas com a possibilidade terapêutica e prontamente concordavam com o que eu estava falando. Porém, a noção de não ser algo conhecido e normal para a maioria das pessoas, me faz pensar como esse tema ficou esquecido e estranho em nossa sociedade durante tanto tempo, inclusive profissionalmente dentro do meio teatral.

Como pôde ser visto no decorrer deste trabalho, em um ano de encontros semanais, os participantes usuários do CAPS demonstraram grande interesse nas oficinas e mudanças positivas no comportamento, atitudes e pensamentos. Pode-se ter noção disso, não somente através da escrita de minha experiência, mas principalmente por meio dos depoimentos dos profissionais de saúde que trabalham junto a mim semanalmente. Os três profissionais trouxeram em suas falas, elementos importantes para se pensar o trabalho com oficinas teatrais em ambientes como um CAPS. Um desses elementos que acho importante enfatizar, é o que a médica psiquiatra colocou: "*No entanto, é importante frisar que isso somente é possível e seguro quando acompanhado de um profissional responsável e capacitado para esta função.*" Essa frase vem ao encontro com o artigo '*Aproximações do Teatro do Oprimido com a Psicologia e com o Psicodrama*' onde uma das questões trazidas pelas autoras, é justamente a falta de preparação de alguns facilitadores ao trabalhar com as técnicas do 'Arco íris do desejo'.

Por mais que eu não utilize as técnicas do Arco íris do desejo, por concordar que as mesmas necessitam de um cuidado e preparação para serem desenvolvidas, também penso que deve haver um cuidado com qualquer tipo de abordagem de iniciação teatral a ser trabalhada em um ambiente como este. Em minhas oficinas, trabalho com jogos e atividades teatrais presentes nas obras de Viola Spolin e do próprio Augusto Boal, porém são jogos de uso mais comum, indicados para todos os tipos de ambientes onde são propostas oficinas de teatro. Ainda assim, um ambiente como um CAPS, não pode ser tratado como qualquer outro, tem que se levar em

consideração que ali, o ministrante irá tratar com pessoas com vários tipos de situações ou sofrimentos psíquicos.

Acredito ser de extrema importância que o ministrante de uma oficina em um ambiente terapêutico tenha uma preparação, até mesmo emocional, pois muitas coisas podem acontecer a partir de um simples exercício, onde pode surgir um gatilho e o paciente mudar completamente. Como foi o caso da paciente que comentei no capítulo dois, que irritou-se com o exercício que eu havia levado, por haver se sentido como uma aluna em uma aula. Ou a outra paciente que se emocionou muito por conta de uma atividade que lembrou seu cachorrinho. Ficamos minutos ali esperando ela se recompor, para que pudéssemos seguir em frente.

Com isso, retomando meu objetivo com a questão: *Como o trabalho com oficinas de teatro podem auxiliar na prevenção e tratamento da saúde mental?* Acredito que, embora não seja uma obrigação da arte teatral, o teatro acaba sim possibilitando a seus participantes uma experiência que é terapêutica. Obviamente, aqui estamos falando de pacientes com transtornos psíquicos, o que necessita de uma resposta mais direta. As atividades teatrais trabalham elementos essenciais e importantes para os usuários, lidando diretamente com muitas de suas questões que, em algumas vezes, não são acessadas por meio de outras terapias. Sendo assim, o potencial terapêutico do teatro acaba tomando uma proporção ainda maior, possibilitando aos participantes, um lugar seguro, divertido e, para alguns, perfeito campo fértil para expressar suas emoções.

Acredito que para as oficinas de teatro serem terapêuticas e assim, auxiliar no tratamento mental dos participantes, elas devem ser leves e acontecer sem cobranças. Claro que precisa ter algumas regras e a figura do ministrante, para que haja maior ordem, mas precisa ser obrigatoriamente um lugar sem julgamentos e com abertura suficiente para que o usuário se sinta à vontade. Outro elemento que acho de total importância é o vínculo e a concentração que é trabalhada no início do encontro. Sempre ao começar, prezo por uma conversa inicial, ali surgem muitas questões e dessa maneira, peço para que foquemos no momento, deixando as preocupações de lado, para que assim, todos consigam mergulhar de fato nas atividades e relaxar durante o momento da oficina.

Penso que dessa forma, as oficinas teatrais podem auxiliar no tratamento dos pacientes, já que muitas de suas angústias, aflições ou problemas existentes, são extravasados ali, permitindo que no dia a dia, as coisas que não são tão boas para

eles, tomem uma proporção menor. Outro fator que acaba também sendo ótimo para os usuários, é a possibilidade de interpretar personagens. Esse momento é de grande valia, pois ali eles se permitem viver outra personalidade, com outras questões e situações de vida. Assim, conseguem ter mais empatia com os demais e aprender a lidar com diferentes situações do dia a dia.

Pensar essa pesquisa, entrar em contato com a arte terapêutica e com a ideia do potencial terapêutico do teatro que já vem sendo explorado muito antes do desenvolvimento de meu trabalho, tem sido excelente para minha formação enquanto profissional. Por ser um tema menos explorado no curso, quando me deparei com meu interesse nessa área de atuação, tive que buscar e estudar muito de forma solitária. Portanto, após iniciar essa pesquisa, sinto que estou muito mais amparada e percebo que não estou sozinha nesse campo tão rico e necessário que é a arte no meio da saúde mental. Com isso, muitas questões surgem para serem abordadas, a fim de seguir uma pesquisa maior e mais detalhada.

A ideia do trabalho com a criatividade e a improvisação me chamam muito a atenção, pois penso que dessa forma, é possível estimular a flexibilidade mental e emocional, ajudando os participantes a desenvolver novas formas de lidar com a incerteza, a frustração e as adversidades do dia a dia. Outro tópico que se torna essencial em um estudo como esse, é o teatro como meio de expressão para pessoas com dificuldade de comunicação. Pensar em como o teatro pode ser útil nesses casos. Para mim, essa ideia é muito significativa, pois muitos dos casos que trabalho no CAPS do interior, iniciaram as oficinas com enorme dificuldade de comunicação ou fala, e atualmente houve tanto desenvolvimento, que um dos casos mais severos, a meu ver, interpreta personagens até mesmo decorando falas dos mesmos.

Acredito que essas situações são importantes para serem refletidas, pensadas e exploradas em diversas áreas, não só na saúde mental. Penso que o teatro possibilita mudanças em diversos meios. Nas escolas, por exemplo, é possível, com tempo e paciência, transformar realidades de diversos alunos com inúmeras dificuldades, que muitas vezes são veladas. O teatro, mais uma vez, se mostra excelente em diversas possibilidades de atuação. Sendo sempre importante frisar, que a prática seja conduzida de forma segura, acolhedora e preparada para as respostas que possam surgir.

Por fim, ao passar por tantos temas referentes a minha pesquisa e refletir sobre o trabalho que venho desenvolvendo, percebo o quanto gratificante essa jornada se torna a cada passo dado. A arte teatral modifica-se a cada momento e ganha novas possibilidades a cada geração que a explora. Sinto que conhecer o potencial terapêutico do teatro e ter a oportunidade de iniciar um trabalho nesse meio ainda durante a faculdade, me possibilitando sair do curso já empregada e com caminho certo a ser traçado, me faz valorizar ainda mais meu percurso e a formação que escolhi. Muitas vezes, nos primeiros semestres pensei em desistir, pois não encontrava uma possibilidade de caminho que eu pudesse focar e traçar, tudo parecia não ser viável o que me fazia ficar cada vez mais desanimada. Hoje sinto que tudo o que fiz dentro da Universidade, me fez chegar até aqui, desde os projetos que neguei, até finalmente me interessar pelo TOCO. Espero e anseio que o teatro terapêutico se torne um tema cada vez mais abordado, com possibilidades de aplicação e espaços para ser desenvolvido. Considero que estamos no início de um caminho lindo e possível dentro dessa importante e necessária profissão.

5. REFERÊNCIAS:

- AGUIAR, M. O Teatro Terapêutico: Escritos Psicodramáticos. Campinas: Papirus, 1990.
- ARAÚJO, Orlando Luiz. Sociedade, política e religião: O teatro na Grécia clássica. Disponível em: <https://www.louvrepaubrazil.org/3o-ato/sociedade-politica-religiao/> . Acesso em: 30 jan. 2025.
- BOAL, Augusto, A estética do oprimido - Rio de Janeiro : Garamond, 2009.
- BOAL, Augusto. Jogos para atores e não atores. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002
- BOAL, Augusto. O arco-íris do desejo: Método Boal de Teatro e Terapia. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002.
- BOAL, Augusto. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. Edição revista.
- BRANDÃO, Junto de Souza. Teatro Grego: origem e evolução. São Paulo: Ars Poética, 1992.
- CARLSON, Marvin. Teorias do Teatro: estudo teórico-crítico, dos gregos à atualidade. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL. Gob.br. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saes/desmad/raps/caps> . Acesso em: 03 abr. 2025.
- COURTNEY, Richard. Jogo, teatro e pensamento: as bases intelectuais do teatro na educação. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- GONÇALVES, Camilla S., WOLFF, José R., e ALMEIDA, Wilson C. Lições de Psicodrama – Introdução ao pensamento de J. L. Moreno. São Paulo: Ágora, 1988.
- MENEGETTI, Antonio. Psicotea. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006.
- MORENO, Jacob Levy. Psicodrama. 12º edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.
- OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; ARAÚJO, Maria de Fátima. Aproximações do Teatro do Oprimido com a Psicologia e o Psicodrama. Psicologia: Ciência e profissão, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/HGhymc65SpNCSR8qHV4mYyK/> . Acesso em: 09 ago. 2024.
- ROJAS, Jaime G. Bermúdez. Introdução ao Psicodrama. São Paulo: Edição Mestre Jou, 1976.

SANCTUARY OF ASKLEPIOS AT EPIDAUROS. Unesco World Heritage Convention.
Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/491/>. Acesso em: 03 fev. 2025.

SILVEIRA, Nise da. O mundo das imagens. São Paulo: Ática, 1992.

SPOLIN, Viola; KOUDELA, Ingrid Dormien. Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SPOLIN, Viola. Jogos Teatrais: O fichário de Viola Spolin. tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008

VINTE ANOS DA REFORMA PSIQUIÁTRICA NO BRASIL: 18/05 Dia da luta antimanicomial. Biblioteca virtual da saúde. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/20-anos-da-reforma-psiquiatrica-no-brasil-18-5-dia-nacional-da-luta-antimanicomial/>. Acesso em: 03 abr. 2025.

Apêndices

Apêndice A - Roteiros de atividades elaborados nas reuniões do projeto TOCO para as oficinas no CAPS Baronesa e APAJAD

**Terceira oficina de 2023 CAPS
Será desenvolvida em 04 de abril.**

Entre 16h e 17h20 no CAPS- Baronesa (Neste dia irão para o Parque da Baronesa)

Roteiro elaborado pelos participantes da reunião do dia 04/04
Presentes: Marcelo, Vera, Lawrien e Fabiane

CAPS

1. Explorar o “acordar e o alongar” o corpo (conscientização corporal)
2. Pintura no espaço (tela imaginária) com as partes do corpo (expressão corporal)
3. Como enxergo a outra pessoa? Imitar um colega de livre escolha e/ou alguém que conhece (linguagem gestual)
4. Criar cenas- Teatro Imagem (linguagem gestual). Sobre a história criada no jogo anterior (Marcelo inicia a atividade lendo como ficou a história) ou reiniciar o jogo criando uma nova história falada e depois criar cenas “congeladas” integradas com o espaço do parque.
5. Meditação- exercícios com o foco na respiração, deitar no gramado e escutar diferentes sons
6. Avaliação do encontro (o que gostei, o que proponho , o que critico)
7. Como estou após a oficina? Pode ser em uma palavra....

Décima sexta oficina CAPS
Será desenvolvida em 31 de outubro de 2023.

Entre 16h e 17h20 no CAPS- Baronesa

Roteiro elaborado pelos participantes da reunião do dia 23/10

Presentes: Fabiane e Lawrien.]

CAPS

1. Conversa inicial;
2. Exercícios de senso percepção e respiração;
3. Aquecimento corporal;
4. Pintura de quadro imaginário usando o corpo;
5. Jogo “sigo seguidor”;
6. Teatro Imagem: praia, verão;
7. Interpretação das cenas de cada dupla;
8. Avaliação final;
9. Presente.

**Décima oficina de 2023 APAJAD
Oitava oficina CAPS
Será desenvolvida em 20 de junho.**

Entre 14h00 e 15h30 na APAJAD.

Entre 16h e 17h20 no CAPS- Baronesa

Roteiro elaborado pelos participantes da reunião do dia 19/06

Presentes: Fabiane, Jordana e Lawrien

APAJAD

1. Apresentação da Jordana com nome e movimento entre todos;
2. Relaxamento e sensibilização, criação de movimentos – respiração;
3. Tetro Imagem com imagens escolhidas da internet (obras de arte ou outras);
4. Mostrar cena que estão ensaiando/o que estiver pronto do casamento na roça;
5. Avaliação do encontro;
6. Presentes.

CAPS

1. Apresentação da Jordana com nome e movimento entre todos;
2. Respiração – corpo em estado de jogo;
3. Leitura dramática do texto – O Lixo; (Lawrien e Jordana)
4. Criar duplas para fazer cena com foco no “Onde? Quem? O que?” com base no texto apresentado pelas ministrantes da oficina;
5. Avaliação do encontro;
6. Presentes.

Obs. Os ministrantes das oficinas ao chegar em casa devem anotar suas impressões sobre o encontro para compartilhar com todxs na próxima reunião do Projeto.